

O USO DA LITERATURA PARA A COMPREENSÃO DO ENVELHECIMENTO HUMANO

THE USE OF LITERATURE FOR UNDERSTAND THE HUMAN AGING

Márcia Maria de Medeiros¹⁹⁴

Paulo Ramsés da Costa¹⁹⁵

Luiz Alberto Ruiz da Silva¹⁹⁶

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso da literatura como uma ferramenta para entender o processo de envelhecimento humano, baseado no estudo de "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway. Para tanto, parte de pesquisas bibliográficas e teóricas, considerando as três forças da literatura apontadas por Roland Barthes, a saber, *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*. Somado a isso, discute como essas forças podem ser aplicadas ao texto literário no sentido de compreender o processo de envelhecimento humano. Conclui-se que é possível utilizar o texto literário para o entendimento do processo de envelhecimento humano, especialmente quando correlacionado com a ideia de que o envelhecimento faz parte de um contexto maior que envolve a própria existência do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; Texto Literário; Idosos; Ernest Hemingway; O Velho e o Mar.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the use of literature like a tool for understand the process of human aging, based on the study of Ernest Hemingway's "O Velho e o Mar". In order to do so, he starts from bibliographical and theoretical research, taking into account the three forces of literature pointed out by Roland Barthes, namely, *mathesis*, *mimesis* and *semiosis*. Added to this, it discusses how these forces can be applied to the literary text in the sense of understanding the process of human aging. It is concluded that it is possible to use literary text to understand the process of human aging, especially when correlated with the idea that aging is part of a larger context that involves the very existence of the subject.

KEYWORDS: Roland Barthes; Literature Text; Seniors; Ernest Hemingway; O Velho e o Mar.

¹⁹⁴ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – Brasil. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1116-986X>. E-mail: medeirosmarciamaria@gmail.com

¹⁹⁵ Mestrando em Ensino em Saúde - Mestrado Profissional na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: prc.ramses@gmail.com

¹⁹⁶ Mestrando em Ensino em Saúde - Mestrado Profissional na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3257-1196>. E-mail: luizalbertoruiz91@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para que serve a literatura? Eis a pergunta que permeia a obra de Tzvetan Todorov (2010), na qual o autor aponta os perigos que o texto literário enfrenta em um universo cercado pelo pragmatismo. Na opinião do autor, a literatura ajuda o ser humano a compreender o seu lugar no mundo, possibilitando uma série de experiências que permitem maior entendimento sobre a condição da existência humana (TODOROV, 2010).

Diante disso, é possível afirmar que o texto literário amplia as percepções dos sujeitos que auferem a experiência da leitura, oportunizando a eles novas formas de concepção em relação às coisas que os cercam, bem como abrindo às pessoas novas possibilidades de organização da vida. O texto literário permite que cada pessoa responda melhor a sua vocação de ser humano, trazendo em seu bojo sensações que intensificam a sensibilidade do sujeito que lê, permitindo que ele se torne mais crítico e reflexivo em relação a sua própria humanidade.

Partindo dessa constatação, o presente artigo busca compreender de que forma o texto literário pode servir como ferramenta para discutir questões pertinentes ao processo de envelhecimento humano e se a sua utilização como instrumento de reflexão para pensar sobre esta fase da vida, auxilia na compreensão e entendimento do processo. Para tanto traz como aporte a obra de Ernest Hemingway, “O Velho e o Mar”.

O trabalho está organizado em três partes distintas. Na primeira, faz-se uma breve apresentação do autor e da obra proposta para análise. A segunda conjuga as questões referentes à forma como Hemingway apresenta a questão do envelhecimento humano em seu texto, a partir da figura de Santiago, personagem principal do livro; relacionando-as com a tese de Roland Barthes proposta em “A Aula” (BARTHES, 1989).

Na terceira e última parte apresentam-se as considerações finais sobre

o assunto, mostrando como o texto literário traz correlações de verossimilhança com o cotidiano e cria imagens através das quais pode servir como instrumento para reflexão em relação à existência.

2. O AUTOR E SUA OBRA: ERNEST HEMINGWAY E “O VELHO E O MAR”

Ernest Hemingway nasceu na cidade de Oak Park, no estado de Illinois (EUA) em 1899 e morreu em 1961. Aos 17 anos já atuava como jornalista, escrevendo para um jornal de Kansas City. O estilo conciso característico do texto jornalístico é um dos elementos presentes em sua escrita literária. Hemingway ficou famoso pela sua vida aventureira, a qual foi marcada por cenários como Cuba, onde o escritor residiu por muitos anos, tornando-se inclusive, amigo de Fidel Castro¹⁹⁷.

Foi a sua estadia em Cuba que lhe rendeu a escrita de “O Velho e o Mar”, livro que foi publicado em 1952. Esta obra é considerada um dos textos mais importantes da literatura em língua inglesa do mundo, tanto que ela rendeu a Hemingway o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1954. De acordo com a comissão responsável pela outorga da premiação, o autor norte-americano mereceu o prêmio devido ao seu domínio na arte envolvendo a narrativa moderna, além do fato de a obra em si influenciar grandemente o estilo da escrita contemporânea¹⁹⁸.

“O Velho e o Mar” conta a história de um velho pescador chamado Santiago. O personagem principal do livro é um viúvo solitário que há exatos 84 dias não pesca um peixe sequer. Abandonado por todos os moradores do vilarejo onde vive, Santiago só não leva uma existência mais triste devido à presença em sua vida de um jovem rapaz chamado Manolin, a quem ele ensinou a arte da pesca. Manolin vê o velho pescador como uma espécie de mentor, e

197 Informações retiradas de <https://www.ebiografia.com/ernest_hemingway/>. Acesso em: 12 ago. 2018.

198 Maiores informações ver: <<https://efemeridesdoefemello.com/2014/10/28/ernest-hemingway-ganha-nobel-de-literatura/>>.

sempre o incentivou a continuar com seu trabalho.

Durante algum tempo, Manolin foi aprendiz no barco de Santiago, mas devido à insistência de seus pais, foi trabalhar em outro barco. Os pais de Manolin consideravam que Santiago atraía a má sorte e ficaram com medo de que seu filho fosse arrastado para a vida miserável que Santiago levava.

Mesmo impedido de pescar com o amigo, o menino nunca deixou de visitá-lo e ajudar nas suas tarefas sempre que possível. O romance descreve inclusive cenas em que Manolin leva comida ao velho, em momentos nos quais este passava por processos de extrema penúria, conforme descrito na citação abaixo:

- Que arranjaste? -- perguntou.
- Ceia -- respondeu o rapaz. - Vamos ter ceia.
- Não tenho grande fome.
- Anda comer. Não se pode pescar sem comer.
- Eu tenho pescado - disse o velho, levantando-se, pegando no jornal e dobrando-o. Começou depois a dobrar o cobertor.
- Deixa-te ficar de cobertor - recomendou o rapaz. - Não hás-de pescar sem comer, enquanto eu for vivo. (HEMINGWAY, 1956, p. 07)

199

No alvorecer do 85º dia sem que houvesse fígado um peixe, Santiago partiu em direção ao oceano por mais uma vez, em busca de seu sustento. Assim que ele alcançou uma corrente que o levou em direção ao alto mar, sentiu que um peixe fígou a isca a qual estava deixando correr solta na água. O pescador não tem uma ideia exata do tamanho da presa que levava fígada, sendo que ela o arrasta cada vez mais rumo ao oceano.

Em um determinado momento, o peixe salta da água em toda a sua magnitude e o pescador se dá por conta de que fígou um mostro, conforme se percebe pela citação:

199 A versão do texto de Hemingway utilizada para a escrita deste artigo está disponível em: <<https://agrupamentoidanha.com/ficheiros/d3351020JaM31DRx5b.pdf>>.

A linha subia devagar e firme, e então a superfície do oceano arqueou à frente do barco, e o peixe apareceu. Apareceu interminavelmente, e dos lombos lhe escorria água. Brilhava ao sol, e a cabeça e o dorso eram púrpura escura, e ao sol as listras nos lados eram largas e cor de alfazema. O dardo era do tamanho de uma pá de "Baseball" e em forma de florete. Saiu a todo o comprimento fora de água e voltou a ela, suavemente, como um nadador, e o velho viu a grande foice da cauda afundar-se e a linha começar a correr. (HEMINGWAY, 1956, p. 24)

O texto descreve que o velho já havia visto muitos peixes de grande tamanho, mas que aquele, sem dúvida, era o maior de todos. Homem e peixe lutam por três dias até que ao fim e ao cabo, depois de grande sofrimento Santiago consegue matar o peixe e amarrá-lo a lateral da sua canoa, dando início ao seu retorno à costa.

No entanto, os tubarões farejam a sua presa e começam a se alimentar dela. O velho até se dispõe a lutar contra eles e efetivamente vence uma primeira batalha contra os tubarões, mas logo percebe que a sua luta é vã. Derrotado, Santiago segue navegando e aos poucos vê o gigantesco peixe ser devorado pelos tubarões. Quando finalmente chega à praia, resta apenas uma carcaça amarrada a lateral de seu barco.

Santiago sofreu muito fisicamente tanto em sua batalha solitária contra o peixe monstruoso que físgou, quanto em sua luta contra os tubarões. Suas mãos foram cortadas, feriu-se nas costas e o calor do sol provocou-lhe queimaduras e desidratação. Durante todos os dias em que ficou desaparecido no mar, Manolin observava o horizonte, procurando pelo seu mentor. Quando ele chegou à praia, em uma condição lastimável, foi o jovem que tratou de tomar as providências relativas ao seu cuidado, prestando a Santiago todo o apoio de que necessitava.

Na praia, a carcaça gigantesca do peixe físgado pelo velho pescador atraía a atenção de todos e fazia com que as pessoas do vilarejo olhassem para ele com o respeito renovado. Turistas se aproximavam daquela ossada, impressionados que ficavam pelo seu tamanho. Alguns deles perguntavam aos

guias turísticos locais o que havia se passado e eles respondiam apenas: *tiburón*.

“O Velho e o Mar” finda suas páginas desta maneira: com os turistas admirando com espanto a enorme carcaça depositada na praia (alguns deles pensando que a carcaça pertencia a um tubarão). Enquanto isso, Santiago dorme em sua pobre cabana, tendo seu sono vigiado por Manolin.

3. ENVELHECIMENTO HUMANO E LITERATURA: UMA PROPOSTA BARTHESIANA

As questões referentes ao processo de envelhecimento humano têm ganhado destaque em diferentes campos da cultura, produzindo uma série de debates sobre o tema, ao mesmo tempo em que trazem novos desafios aos estudiosos da questão. Para Silva, os estudos acadêmicos envolvendo a temática objetivam “[...] analisar, problematizar e propor novas formas de compreensão do envelhecimento” (SILVA, 2008, p. 156). Neste sentido, a literatura pode ser utilizada como um instrumento para auxiliar nas questões referentes a esta problematização.

Assim, o texto literário pode ser compreendido para além da sequência de obras ou características que determinados escritos possuem e que os qualifica como pertencentes a um ou outro período literário. No caso específico do texto analisado por este artigo, interessa compreender o “jogo de palavras” (BARTHES, 1989, p. 17) que constrói os significantes em relação ao envelhecimento e a forma como Hemingway o apresenta através da figura de Santiago.

Essa premissa se torna possível quando se parte do pressuposto de que a literatura possui em si três forças primordiais, quais sejam elas, *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* (BARTHES, 1989).

4. A MATHESIS EM “O VELHO E O MAR”

Para Barthes, a *mathesis* representa a capacidade que o texto literário

tem de assumir em si outros saberes. Nesse sentido, Barthes afirma que:

[...] todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é o próprio fulgor do real. [...]; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 1989, p. 18-19, o grifo acompanha o original)

A literatura carrega em si um processo de reflexão infinito, pois, através do texto escrito, o saber se recria constantemente produzindo uma série de discursos que, na opinião de Barthes (1989) em relação ao texto literário deixam de ser epistemológicos e passam a possuir um cunho dramático. Em essência, literatura carrega o texto de um sabor que a ciência não possui, ou seja, ela usa das palavras para criar “[...] projeções, explosões, vibrações, maquinarias e sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 1989, p. 21).

Partindo da proposta barthesiana, pergunta-se: o que se torna possível saber sobre o envelhecimento humano a partir de uma leitura de “O Velho e o Mar”? Como as questões referentes ao significado do envelhecer estão presentes no texto? Logo nas páginas iniciais do livro algumas imagens²⁰⁰ traduzidas em palavras trazem uma marca negativa ao processo relativo ao envelhecer como se percebe na citação abaixo transcrita:

[...] A vela estava remendada com quatro velhos sacos de farinha e, assim ferrada, parecia o estandarte da perpétua derrota.

2000 conceito de imagem aqui é utilizado conforme a premissa proposta por Wunenburger principalmente no que se refere à questão da ficção. Neste sentido: “Designa invenções às quais não corresponde realidade alguma. Mas tudo o que é fictício em geral só o é relativamente, e em determinado momento. Além disso, podem existir ficções (assim como analogias) que são da competência de atividades racionais abstratas (em direito, em ciências), e não da imaginação no sentido estrito. [...] O termo ‘ficção’ [...] é muito frequente na filosofia analítica e na semiótica, que repousam numa oposição real-fictício” (WUNENBURGER, 2007, p. 09).

O velho era magro e seco, com profundas rugas na parte de trás do pescoço. As manchas castanhas do benigno cancro da pele que o sol provoca ao reflectir-se no mar dos trópicos viam-se-lhe no rosto. As manchas iam pelos lados da cara abaixo, e as mãos dele tinham as cicatrizes profundamente sulcadas, que o manejo das linhas com peixe graúdo dá. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Eram antigas como erosões num deserto sem peixes. (HEMINGWAY, 1956, p. 03)

A escrita de Hemingway permite perceber que o velho passou uma vida inteira sofrendo a inclemência do sol tropical e que a dureza desta vida lhe deixou marcas pelo corpo, as quais a velhice apenas acentuou. De certa forma, é como se a natureza deixasse ainda mais velho o que naquele corpo já era velho. Isso pode ser constatado pelas expressões: “magro e seco”; “profundas rugas”; “manchas que iam pelos lados da cara” e “cicatrizes profundamente sulcadas”, as quais são formas de reforçar a ideia da fragilidade física que o envelhecimento traz ao ser humano.

Para Silva (2008), a geriatria (cujo surgimento enquanto disciplina data do começo do século XX) corroborou com a construção desse tipo de referência, pois associou as características biológicas referentes ao envelhecimento humano com a degeneração do corpo e a decadência física que acompanha o processo. Para a autora: “A geriatria não só distingue a velhice das outras etapas da vida, mas também a define como decadência física” (SILVA, 2008, p. 159).

O texto de Hemingway também traz algumas passagens onde se demonstra como a comunidade de pescadores vê Santiago. Aqui se percebe uma diferença marcante entre a forma como o velho é tratado pelos pescadores mais jovens e pelos mais velhos. Quanto aos primeiros, eles fazem piadas grosseiras em relação à condição dele. Já os segundos ficam tristes quando Santiago está presente, mas o tratam com respeito²⁰¹. Esta prerrogativa dá conta da forma

201 “Sentaram-se no Terraço e muitos dos pescadores fizeram troça do velho e ele não se zangou. Outros, dos pescadores mais velhos, olhavam-no e ficavam tristes. Mas não o mostravam e falavam atenciosamente da corrente e dos fundos a que haviam deitado as linhas e do bom tempo firme e do que tinham visto” (HEMINGWAY, 1956, p.04).

como as pessoas compreendem o idoso e, nas palavras de Pessini e Siqueira esta compreensão:

[...] deve ser colocada no contexto dos seres humanos, em uma perspectiva histórica e temporal: o processo de acumular anos, do qual o idoso é uma parte e expressão concreta do tempo. Ser gente é estar situado no tempo. A temporalidade é constitutiva da existência humana. (PESSINI E SIQUEIRA, 2013, p. 111)

Os jovens pescadores que riem de Santiago e da sua situação miserável não são capazes de compreender o sentido da alteridade, ou seja, não conseguem se colocar no lugar do outro, situação bastante comum nos dias atuais. No ensaio “Envelhecer e Morrer: alguns problemas sociológicos”, Norbert Elias discute sobre essa questão quando diz que as pessoas sabem que os idosos mesmo quando saudáveis, apresentam algumas dificuldades, como a locomoção por exemplo. Mas não podem imaginar o que isso significa, pois não alcançaram a idade daqueles para compreender a dimensão deste significado (ELIAS, 2001).

Para a geração de pescadores mais nova, a figura de Santiago remete ao que Pessini e Siqueira denominaram “cultura da obsolescência” (Pessini e Siqueira, 2013, p. 111), a qual na opinião dos autores, vê na pessoa idosa algo que pode ser descartado e segregado. Essa visão está diretamente relacionada à forma como a nossa sociedade pensa as questões relativas ao consumo e a tecnologização das coisas e mesmo das pessoas (ROSELLÓ, 2009).

A sociedade capitalista em seu modelo de compreensão do mundo associou a questão da modernização tecnológica com a periodização da vida (SILVA, 2008). Nesse sentido, aquele que envelhece, quando não possui mais a força necessária para prover o seu sustento, ou quando atinge uma determinada idade a partir da qual deve ser afastado do trabalho passa a ser considerado improdutivo. Aos olhos de parte da sua comunidade Santiago é considerado improdutivo: afinal de que serve um pescador que não consegue pescar?

Quanto aos pescadores mais velhos, eles possuem uma compreensão maior da situação de Santiago e pode-se mesmo dizer que eles o veem como uma espécie de reflexo em um espelho. Santiago representa para eles o tempo que passa incólume: eles percebem na situação de pobreza e descrédito em que o pescador se encontra um futuro que pode ser o deles. Daí o sentimento de tristeza diante da sua presença, o que não os impede de tratá-lo com respeito. Para eles, devido ao fato de estarem mais próximos da idade de Santiago, o envelhecimento possui outro sentido.

Mas o envelhecimento humano não é representado em “O Velho e o Mar” somente através de imagens negativas. Em alguns momentos, Hemingway traz ao texto premissas que mostram outro olhar em relação ao envelhecer como visto na seguinte citação: “Tudo nele e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos” (HEMINGWAY, 1956, p. 03).

Comparar os olhos de Santiago ao mar remete a uma carga metafórica tão profunda quanto o oceano. A cor do mar oscila entre azul e verde, dependendo do reflexo do sol sobre a água. De acordo com o Dicionário de Símbolos a cor azul remete a ideias que auferem a espiritualidade, o desapego à vida mundana e a paz. Já a cor verde, traz em si questões inerentes à longevidade, força e esperança²⁰².

Nesse sentido, é possível compreender que o texto de Hemingway remete a ideia do envelhecimento enquanto processo que permite ao ser humano ter uma dimensão mais completa em relação ao sentido da vida e, a partir dessa dimensão, ter a habilidade de ressignificar-se enquanto pessoa. Isso quer dizer que a alegria da vida e a essência da juventude podem ser mantidas mesmo na velhice. Perceber os olhos “alegres e não vencidos” de Santiago é uma constatação desse fato.

202Maiores informações ver: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/significado-cor-azul/>>.

Não é porque ele não pesca um peixe já faz 84 dias que ele deixa de ter esperanças. Tanto que ele parte em direção ao oceano mais uma vez. Todos ao seu redor podem se apiedar dele e sentir por ele algo que varia entre o desprezo e a consternação, mas ele não se permite sentir por si nenhuma coisa nem outra. É isso que faz com que ele continue em busca de seu objetivo.

Os olhos de Santiago, janelas de sua alma, revelam um velho dotado do ímpeto no sentido latino da expressão, ou seja, alguém que possui vigor e impulso para seguir adiante, independente da fase da vida em que se encontra. A força de Santiago provém de seu íntimo, origina-se no *anima*, alimenta-se de seu princípio vital, processo o qual não precisa de uma idade específica para ocorrer.

5. A OBRA DE HEMINGWAY E A MIMESIS BARTHESIANA

Barthes informa que a segunda força da literatura está em sua capacidade de representar. Para o autor: “desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa” (BARTHES, 1989, p. 22). E, o quê a literatura tenta representar? Simplesmente a realidade, algo que não pode ser representado. Porém, é justamente porque o ser humano deseja constantemente a representação do real através das palavras, que existe “[...] uma história da literatura” (BARTHES, 1989, p. 23).

A literatura não se rende aos ditames da realidade e é por isso que vai buscando e entremeando palavras através das quais se aproxima do contexto real, através de um jogo de verossimilhança no qual o texto literário permite que o universo que ele explora sirva de espelho para o universo em que se vive o cotidiano. É por esta razão que se pode ver em Santiago a figura de muitos outros velhos que são abandonados, que vivem em solidão ou esquecidos.

O texto também remete para a velhice como sinônimo de dependência,

conforme a citação abaixo transcrita:

Onde te lavaste?, pensou o rapaz. O chafariz da aldeia era duas ruas abaixo. Tenho de ter aqui água para ele, e sabão e uma boa toalha. Porque sou tão distraído? Tenho de lhe arranjar outra camisa e um casaco para o Inverno e uns sapatos e outro cobertor. (HEMINGWAY, 1965, p. 08)

No entanto, não necessariamente todas as pessoas envelhecem com um mesmo grau de dependência, seja ele em relação a sua força física, a sua situação financeira ou social. Para Elias o fator de dependência vai estar associado a “[...] todo curso de suas vidas e, portanto, [a] estrutura da sua personalidade” (ELIAS, 2001, p. 82). Embora seja um idoso pobre²⁰³, Santiago foge do processo de dependência a partir do momento em que segue trabalhando, mesmo diante da situação precária em que se encontra.

Desta forma o pescador resiste (como a própria literatura resiste) em fugir aos discursos tipificados em relação ao envelhecer, e suas ações no transcorrer da sua luta contra o peixe demonstram o desejo que ele tem em manter a sua autonomia enquanto pessoa e, portanto, a sua independência. Assim, Santiago representa aqui a força resiliente enquanto força de resistência.

Seja devido à presença de Manolin em sua vida²⁰⁴, seja pelo fato de que Santiago percebe que, apesar da debilidade física do seu corpo a vida lhe trouxe outras armas com as quais lutar²⁰⁵, o velho pescador mantém uma atitude positiva perante a vida. Se as agruras de uma vida de pobreza o marcaram

203 Silva (2008) aponta que o termo “velho” está ligado a questão da pobreza e é utilizado principalmente para se referir às pessoas idosas em situação de vulnerabilidade econômica. Em todo o texto de Hemingway, salvo o tratamento carinhoso dado a Santiago por Manolin (velhote), o pescador é chamado de velho e sua situação de miséria é marcante.

204 Em alguns momentos do texto é possível perceber que o menino admira Santiago e esta admiração serve como mote para que ele continue sua trajetória de vida, apesar das adversidades. Essa questão pode ser percebida na passagem que segue: “- Qué va - disse o rapaz. -- Há muitos pescadores bons e alguns dos grandes. Mas tu és só tu”. (HEMINGWAY, 1965, p. 09)

205 “Posso não ser tão forte como julgo - disse o velho. - Mas sei muitas manhas e tenho força de vontade”. (HEMINGWAY, 1965, p. 09)

fisicamente, essa mesma vida lhe garantiu sabedoria e vontade. Nesse sentido, o texto de Hemingway conversa com a lógica da psicologia positiva mostrando que o “ser no mundo” (HEIDEGGER, 2012, p. 169) no qual se constitui o pescador possui um propósito de vida.

Mesmo envelhecido fisicamente, Santiago não deixa (e nem deixará) de ser um pescador. Na condição de mestre de Manolin, sente que ainda precisa ensinar algo ao menino. Para atingir tal objetivo ele necessita estar sempre preparado para enfrentar qualquer dificuldade, uma vez que: [...] “É preferível ter sorte. Mas eu prefiro ser exato. Assim, quando a sorte vem, está-se pronto para ela” (HEMINGWAY, 1965, p. 12).

O trecho transcrito corrobora com a assertiva inerente ao propósito de vida. Santiago não confia apenas na sorte, ele se coloca em estado de alerta, pois prefere “ser exato” a contar com o acaso: isso significa que ele está disposto a alcançar seu objetivo mesmo que as demais pessoas ao seu redor não pensem que ele seja capaz disso, em virtude da sua idade.

O propósito de vida que acompanha o desejo de Santiago faz com que, durante toda a sua luta contra o peixe, o pescador não deixe de ter cuidados consigo mesmo, através de uma série de recomendações que faz a si próprio: “[...] e tenho de comer a ‘tuna’, para que as forças não me falem”. [...] “Come, que darás força à mão. A culpa não é dela, [...]. Trata de comer” (HEMINGWAY, 1965, p. 22). As ações que pautam a decisão de Santiago em se alimentar podem ser associadas ao que Foucault (1985) denominou cuidado de si.

Durante o transcorrer da história, nos momentos em que Santiago revela mais sobre a sua vida, é possível perceber que ele tomava várias precauções que possibilitavam a ele a preparação para atingir seu propósito de vida. Essa série de princípios tem por base a ideia da necessidade, a qual pode ou não ser momentânea, e ordenam um conjunto de ações que auferem em uma prática da existência (FOUCAULT, 1985). No caso do pescador, essas ações não foram momentâneas, mas sim advindas de uma “arte da existência” (FOUCAULT, 1985,

p. 49):

E comia os brancos ovos para que lhe dessem força. Comia-os em Maio, para em Setembro e Outubro, ter força para o peixe graúdo. Bebia também um copo de óleo de fígado de tubarão, todos os dias, no armazém onde muitos pescadores guardavam a palamenta. Havia-o lá para aqueles que o quisessem. A maior parte deles detestava-lhe o sabor. Mas não era pior do que levantar-se um homem à hora que eles se levantavam, e fazia muito bem aos resfriamentos e gripes, e era bom para os olhos. (HEMINGWAY, 1965, p. 14)

As atitudes tomadas por Santiago revelam que ele faz o possível ao seu alcance para garantir a sua autonomia enquanto pessoa e, portanto, manter o seu lugar no mundo. As medidas preventivas, como por exemplo, beber óleo de fígado de tubarão, evitam doenças que poderiam impedir que ele exercesse sua profissão adequadamente.

O pescador não mostra sua convicção em seu propósito de vida exclusivamente através de ações cujo objetivo é salvaguardar seu corpo físico, mantendo-o forte e saudável. Em algumas passagens do texto, é na espiritualidade que Santiago vai buscar a força que lhe falta, mostrando mais uma vez como a aproximação com a realidade é uma premissa que permite entender “O Velho e o Mar” enquanto metáfora da vida humana:

- Não sou religioso. Mas vou dizer dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias, para que apanhe este peixe, e prometo ir em peregrinação à Virgem de Cobre, se o apanhar. Isto é promessa.

Começou a dizer mecanicamente as orações.

Às vezes estava tão cansado que não se lembrava da oração, e tinha de as dizer depressa, para que saíssem automaticamente. E pensou: as ave-marias são mais fáceis de dizer que os padre-nossos.

- Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco. Bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amén. - E, depois, acrescentou: - Santa Virgem roga pela morte deste peixe. Apesar de ele ser maravilhoso. (HEMINGWAY, 1965, p. 25)

A oração traz consolo ao coração de Santiago, mesmo que fisicamente ele continue sentindo muitas dores e um grande desconforto. Assim, esta passagem remete a um estado de transcendência, que, de acordo com Vieira (2010) permite aos sujeitos melhores condições psicológicas quanto ao enfrentamento de situações estressantes, garantindo-lhe maior possibilidade de resistir a elas.

Hemingway mimetiza em Santiago duas qualidades que, em tese, o ser humano adquire com o passar dos anos, quais sejam elas, a sabedoria e a paciência. Em alguns momentos do texto é possível observar que determinados detalhes notados pelo velho pescador só são possíveis devido à sabedoria que angariou depois de anos trabalhando em alto-mar: “Se há furacão, a gente, andando no mar, vê os sinais dele no céu, muitos dias antes. Em terra ninguém vê, porque não se sabe que distinguir. A terra há-de também influir na forma das nuvens. Mas não está para vir nenhum furacão” (HEMINGWAY, 1965, p. 24).

Quanto à questão que envolve a paciência, é possível percebê-la através de atitudes que Santiago toma durante a batalha que trava com o peixe. Depois de estar no mar por pelo menos dois dias e duas noites sem dormir, quando começa sua batalha final contra a sua presa gigantesca, o pescador reflete sobre a necessidade de ter “[...] calma e força [...]” (HEMINGWAY, 1965, p. 35).

As características de sabedoria e paciência inerentes a Santiago corroboram com a máxima preconizada por Cícero, segundo a qual: “[...] a irreflexão assinala a idade juvenil, enquanto a prudência qualifica a velhice” (CÍCERO, s/d, p. 33). Assim, não necessariamente a força física, ou, o vigor da juventude constituem elemento preponderantes para que os sujeitos alcancem ou tenham propósitos de vida.

A sabedoria e a paciência parecem como elementos importantes garantindo prestígio ao idoso, bem como o tornando sujeito primordial quanto

à tomada de decisões em virtude da experiência de vida que angariou durante a sua existência.

6. FIGURAÇÕES DA SEMIOSIS EM SANTIAGO: “O VELHO E O MAR”, METÁFORA DA VIDA

A *semiosis* pode ser definida como a ciência dos signos. Para Barthes (1989), a origem dessa linha de conhecimento está na linguística²⁰⁶. De acordo com o pensador francês, a *semiosis* tem por base de análise o texto literário em si, bem como as palavras que constituem esse texto.

Ao tomá-lo como parâmetro para análise, a *semiosis* cria um “[...] lugar inclassificado, atópico, por assim dizer, longe dos *topoi* da cultura politizada [...]” (BARTHES, 1989, p. 39). Assim, o texto literário serve de cenário para a construção do intangível que se soergue em relação ao discurso coletivo, corrigindo-o e trazendo consigo novas verdades.

Diante de uma cultura que considera o velho obsoleto, conforme auferido em outra instância deste artigo, pergunta-se que novas verdades “O Velho e o Mar” poderia trazer a contemporaneidade. Quais seriam as interpretações em relação ao envelhecimento (e em relação à própria vida) que uma leitura deste livro poderia oferecer?

A estrutura da obra já aponta para algo diferenciado. O texto não é extenso, o desenrolar da história não apresenta extremo grau de complexidade, nem muitas variações em termos de ambiente, já que praticamente todo o contexto se desenvolve tendo como aporte o velho em sua solitária luta com o peixe. De acordo com Jorge de Sena, tradutor da edição utilizada neste artigo, o texto é, antes de tudo “[...] um breve poema em prosa, uma epopeia de simples trama, singelamente narrada” (HEMINGWAY, 1965, p. 03).

²⁰⁶“Por seus conceitos operatórios, a semiologia, que se pode definir canonicamente como a ciência dos signos, saiu da linguística” (BARTHES, 1989, p. 31). O autor ainda afirma que este campo do saber representa, em última instância a desconstrução da própria linguística.

Mas é a partir destes detalhes que a obra adquire um novo contexto a partir do momento em que se percebe que Santiago pode ser qualquer pescador pobre, já que as linhas iniciais do texto o apresentam como “[...] um velho que pescava sozinho num esquite na Corrente do Golfo, e saíra já por oitenta e quatro dias sem apanhar um peixe” (HEMINGWAY, 1965, p. 03). Ou dito de outra forma, uma pessoa idosa em situação de miséria. A figuração de muitos idosos que podem ser encontrados cotidianamente.

Santiago é um herói anônimo que luta pela sua sobrevivência e que reflete a necessidade de o ser humano ser valorizado enquanto pessoa, independente da idade. Neste sentido, a figura do pescador propõe vários questionamentos, entre eles qual a especificidade do ser no mundo (HEIDEGGER, 2012). Por isso sua batalha pela existência é tão comovente e faz com que as pequenas vitórias que conquista tragam uma sensação de esperança a quem se debruça sobre as páginas do livro:

A cabeça do tubarão estava fora de água e o dorso vinha saindo, e o velho ouvia a pele e a carne a rasgarem-se no grande peixe, quando cravou o arpão na cabeça do tubarão, no ponto de intersecção da linha dos olhos com a linha do nariz. Tais linhas não existiam. Existiam apenas a possante cabeça de um azul ferrete e os grandes olhos e as queixadas investindo estralejantes e de engolir tudo. Mas era aquela a localização do cérebro, e o velho feriu. Feriu-o com as suas mãos ensanguentadas, que manejavam vigorosamente um bom arpão. Feriu sem esperança, mas com decisão e total malignidade. (HEMINGWAY, 1965, p. 40- 41)

Santiago tem experiência suficiente para saber que a batalha que trava com os tubarões é uma batalha perdida. No entanto, ele mantém uma chama de esperança²⁰⁷. Mas, à medida que os tubarões farejam o sangue do peixe na água e vão devorando-lhe a carne, o pescador admite a sua derrota: “Estás cansado, velho – disse. – Estás cansado de todo” (HEMINGWAY, 1965, p. 43).

207“Mas o homem não foi feito para a derrota - disse. - Um homem pode ser destruído, mas não derrotado” (HEMINGWAY, 1965, p. 40).

Porém, isso não é motivo para que ele desista de lutar: “Não podia esperar matá-los, pensou. No meu tempo, sim. Mas magoei-os de verdade, e nenhum deles se deve sentir muito bem. Se tivesse um pau com duas pegas, matava de certeza o primeiro” (HEMINGWAY, 1965, p. 44).

Os recortes retirados do texto de Hemingway mostram que sua obra aponta para perspectivas que buscam o respeito pela dignidade humana diante de situações adversas, caracterizadas por Santiago e o contexto no qual ele está envolvido. Neste sentido, a obra resgata a “globalidade da pessoa” (ROSELLÓ, 2009, p. 22), sem reduzi-la ao pragmatismo social vigente que considera alguns sujeitos mais aptos que outros a realizar determinadas atividades ou a praticar determinadas ações.

A luta protagonizada por Santiago marca o caminho oposto ao do pensamento da sociedade ocidental contemporânea através do qual “[...] os fenômenos de instrumentalização da pessoa humana são mais frequentes do que se desejaria” (ROSELLÓ, 2009, p. 23). O pescador e sua jornada revelam que toda a pessoa é em si um fim e, portanto, não deve ser tratada de forma objetificada.

Essa questão pode ser comprovada no respeito renovado com o qual Santiago passa a ser visto quando chega à costa com o que restou de seu peixe preso ao seu barco:

Vários pescadores rodeavam o esquife, olhando para o que a ele estava amarrado, e um estava metido na água, de calças arregaçadas, a medir com uma linha o esqueleto.

[...]

- Tinha mais de seis metros do nariz à cauda – exclamou o pescador que estava a medir. (HEMINGWAY, 1965, p. 47)

Em sua luta Santiago reencontra a dignidade perdida. Mais que provar algo a comunidade que o julga fadado ao fracasso por ser um homem idoso, Santiago recupera em sua luta contra o peixe a sua essência enquanto ser

humano. A leitura do livro faz perceber que o processo do envelhecimento traz uma mudança de posição da pessoa na sociedade e automaticamente nas relações que essa pessoa tem com os outros, acarretando em um processo de vulnerabilidade social o qual deve ser combatido. (ROSELLÓ, 2009).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar da literatura como aporte para produzir reflexões sobre o envelhecimento humano permite perceber alguns elementos cruciais os quais auferem respostas às perguntas que a leitura do texto de Ernest Hemingway, “O Velho e o Mar”, suscitou.

É importante ressaltar que é possível pensar a literatura enquanto força de resistência em relação a discursos que se produzem cotidianamente em relação ao envelhecimento humano, possibilitando novas atitudes e novas percepções em relação a esta fase da vida. Vale ressaltar que este processo de entendimento não é construído de um momento para outro, mas exige a capacidade dos sujeitos envolvidos estarem dispostos à mudança em relação à compreensão das coisas, exercitando o princípio da alteridade.

A literatura também pode servir como ferramenta para que o sujeito consiga maior compreensão sobre si mesmo e sobre princípios que carregam particularidades entre elas a sabedoria que a pessoa vai angariando ao longo dos anos, possibilitando-lhe outra consciência quanto à tomada de decisões. Tal processo amplia a visão de mundo que o sujeito possui bem como a percepção que tem da própria existência.

Assim, a sabedoria figura enquanto elemento que possibilita uma forma de ver o mundo e uma forma de ser no mundo a qual somente a experiência de vida pode compor. E ela traz conforto no que tange ao processo da existência, pois promove uma reflexão sobre si e proporciona maior segurança ao sujeito.

A leitura de “O Velho e Mar” permite compreender que a experiência de uma vida pode ser vista enquanto maneira de construir novas significações para o ato de viver, permitindo que o sujeito protagonista da sua história alcance uma transcendência que se torna propósito de vida, angariando-lhe a força necessária para a sobrevivência mesmo diante de contextos difíceis e estressantes.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Cultrix, 1989.
- CÍCERO. *A Velhice Saudável*. Tradução: Luiz Feracine, São Paulo: Editora Escala, s/d.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o Cuidado de Si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. Tradução de Jorge de Sena. Edição Livros do Brasil, s/l, 1956. Disponível em: <<https://agrupamentoidanha.com/ficheiros/d3351020JaM31DRx5b.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- PESSINI, Leo; SIQUEIRA, José Eduardo. Bioética, Envelhecimento Humano e Dignidade no Adeus à Vida. In: FREITAS, Elizabete Viana et al (orgs). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3 ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013, pp. 107-116.
- SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da Velhice à Terceira Idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências: Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3861/386138034009/>>. Acesso em 11 ago. 2018.
- ROSELLÓ, Francesc Torralba i. *Antropologia do Cuidar*. Tradução: Guilherme Laurito Summa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução: Caio Meira, 3 ed, Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- VIEIRA, Sara Ponzini. Resiliência como força interna. *Revista Kairós*, São Paulo,

Caderno Temático 7, p. 21-30, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/3919/2559>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O Imaginário*. Tradução: Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Recebido em 22/01/2019.

Aceito em 22/05/2019.